A GORDA

A sala de estar é o compartimento situado frente à entrada do apartamento. A grande janela dá para o lado da frente do edifício. Há uma porta grande, interior, que a liga à varanda onde estão vasos com flores.

Quando a mamã chegou de Moçambique encheu a sala de estar com vasos de filodendro, *caladium* de todas as cores, erva-da-fortuna e tronco do Brasil. Colocou o filodendro na prateleira de cima da estante de pau-rosa que veio no caixote de retornados. Foi das poucas peças que couberam desmontadas no elevador e não necessitaram de ser carregadas pelas escadas estreitas e escuras do prédio, ganhando mossas enquanto subiam e suávamos à custa da sua ascensão.

A mobília da casa da Matola, e praticamente tudo o que possuíamos, bem como os bens acumulados em Cabora Bassa pela mamã, nomeadamente serviços de louça e eletrodomésticos oferecidos pela República Democrática Alemã ao povo da República Popular de Moçambique, e colocados à venda nas lojas de cooperantes, chegou ao cais de Lisboa, num caixote, em 1985. Os papás chegaram de Tete no dia 3 e no dia 4 deslocaram-se a um despachante, em Lisboa, com o

objetivo de desalfandegar a carga. Era necessário contratar os serviços de um transitário que intermediasse o processo. O papá regressou zangado. Pagava-se uma taxa altíssima; juntando o custo do transporte, ficava carote. O papá tinha os cordões da bolsa sempre bem atados, menos para a comida. Rosnou contra os portugueses, o governo, os pretos, os que roubavam cá e lá, que mais valia não ter trazido nada, mas a mamã amansou-o, e uns dias depois um camião depositava o caixote frente à casa de Almada, onde permaneceu encerrado umas semanas até arranjarmos meios para o abrir, o que aconteceu assim que o vizinho Pereira nos meteu um papel na caixa do correio avisando que o caixote estava a «incomodar e a tirar lugar de estacionamento às viaturas». Mediante análise da ortografia, caligrafia e teor da missiva, e tirando a radiografia aos vizinhos da rua, deduzimos que só podia ser o senhor Pereira do n.º 9. Era uma escrita autoritária, impositiva e desdenhosa, que coincidia com os olhares transversais do pintor comuna, operário da Lisnave. Havia ainda um certo azedume antirretornado no tom da carta. Compreendemos a mensagem, mandámos à merda em privado, porque pessoas como nós sabem esperar, e no domingo seguinte recrutámos a tia Maria da Luz, o marido e os cunhados, a preço de favor, e, com a sua ajuda, despregámos as tábuas do caixote, que desmanchámos totalmente, e cujo conteúdo acartámos até ao sexto andar. Nesse dia percebemos que a nossa casa da Matola jamais caberia na

de Almada. Aquela não poderia repetir-se. Não era possível reconstituir o cenário do crime. Já não se tratava apenas de uma ideia e de um discurso sobre a perda do Império na terra e no céu, mas da sua materialização.

A maior parte da mobília não cabia nas assoalhadas de Almada, que, sendo espaçosas, eram pequenas demais para a receber. A mesa da sala de jantar da Matola era tão comprida quanto toda a sala do apartamento para onde vínhamos viver; encaixava no espaço, dividindo-o totalmente ao meio como uma parede, pelo que seguiu de imediato para o sótão, onde permaneceu décadas, até ao dia em que a mamã morreu e mandei que a cortassem com uma serra elétrica, arranjando forma de a extrair do prédio sem que fosse preciso arrastá-la escada abaixo tal como a transportaram escada acima. A maior parte do caixote de dois metros e meio de altura e largura por quatro de comprimento foi diretamente para o sótão, donde nunca saiu a não ser no momento em que a madeira e o mobiliário foram dados, vendidos ou desperdiçados após a morte da mamã.

Em 1985, o filodendro iniciou o seu trajeto, alastrando pelas paredes da sala. A mamã encaminhava estrategicamente as hastes, passando-as pelo percurso das quatro paredes, por cima da porta, com cuidado, para não quebrar, segurando-as com a ajuda de pequenos pregos e criando luxuriosas cascatas de folhas e rebentos aqui e ali. Tinha orgulho na proliferação de metros da planta,

que se desenvolviam partindo de pés nascidos em pequenos vasos pousados na estante, exigindo frequente e abundante rega, tarefa difícil de realizar sem encharcar a prateleira ou o chão, o que aborrecia. Trazer a selva para dentro de casa exigia um trabalho estúpido.

Num dos cantos da sala, sobre uma mesa de pau-preto com tampo de vidro, a mamã criou um nicho de enormes *caladium* de diversas cores e matizes; só brancos e verdes; vermelhos com branco e verde; vermelhos com rosa e verde; só vermelhos ou só rosa matizado, com verde. Os *caladium* eram a beleza natural completa. Eram uma miscelânea de Namaacha, Gorongosa e Amazónia em exposição botânica na nossa sala. Uma estufa húmida.

Havia troncos do Brasil sobre a mesa de centro e no chão, e vasos de erva-da-fortuna pela casa toda, porque davam sorte. A mamã trouxe as plantas disfarçadas na bagagem, em raízes, bolbos ou estaca. Não se podia passar com elas a fronteira, mas cá chegaram. As raízes vinham envolvidas em algodão húmido, embrulhado em pano, depois em plástico, dentro de sacos bem atados, enfiados em latas e frascos espalhados pelas malas, entre roupa e carga legal. Fazer malas, a partir dos meados dos anos 70, de África para Portugal, implicava o aprendizado de complexas técnicas de camuflagem. A mamã era mestra da embalagem. Não havia objeto que não soubesse embrulhar ou dissimular, que não conseguisse manter quente ou frio, que não fizesse aparecer ou desaparecer, crescer ou diminuir conforme

a sua vontade. Comida, nódoas da roupa, truques de qualquer natureza, palavras certas, a mamã sabia tudo.

As suas experiências de transplante e proliferação vegetal tiveram sucesso. A mamã era prendada e tinha sorte não apenas com as plantas como com qualquer trabalho que lhe nascesse das mãos. Menos comigo. A mamã tinha qualidades divinas, as da criação, reprodução e manutenção. Nenhuma planta lhe morria. Corriam-lhe tão bem as decorativas como as agrícolas. Tudo crescia viçoso e saboroso. Era sagrada e sacralizava. Não apreciava, contudo, o trabalho da terra, que considerava uma servidão, embora lhe conhecesse os segredos e as manhas. Sempre que me ouvia sonhar com um metro quadrado de chão para plantar horta, jardim e ter animais, dissuadia-me. «Tira essas ideias da cabeça, menina. Isso dá muito trabalho, menina. Nem penses nisso, menina.» Contemplava-a sem palavras, desacreditando as suas, observando-a sem perceber como é que a mulher que toda a vida tinha feito brotar da terra abundante luxúria vegetal, ajoelhada sobre os seus grãos, a evitava tanto.

A mamã nunca viveu no mato. Nunca fomos propriamente para a selva. A Lourenço Marques branca era ordenada e limpa, tropical, é certo, mas domesticada.

Os vasos de filodendro, ao princípio, não me pareceram mal, mas quando a sala se transformou numa floresta cerrada de hastes alastrando por todas as paredes, senti-me em expedição pelos trópicos húmidos, ao ar livre, onde não existe refúgio

nem esconderijo suficientemente seguro. Odiava os filodendros que forravam as paredes, estação após estação, com folhas viçosas, perfeitas, quase de plástico, a que ela dava brilho com mistelas naturais ou compradas nas lojas de indianos do Laranjeiro. As folhas do filodendro eram mescladas de branco e amarelo. O excesso vegetal tornava a casa desconfortável. Sentia que na minha sala moravam as criaturas que protegem os jardins, com os seus brilhos fátuos, o que encerrava uma dimensão *contra natura,* porque morávamos num sexto andar de Almada, perto da Cova da Piedade. Da janela das traseiras avistavam-se prédios inacabados, de construção clandestina suspensa, onde habitavam famílias negras com inúmeras crianças cujas mães trabalhavam nas limpezas e os pais na construção civil. Faziam puxadas clandestinas do poste de eletricidade para conseguirem ter luz nos prédios vadios, e acartavam baldes e jerricãs de água pelas escadas acima, que enchiam na rua, fornecendo-se numa torneira pública, próxima, que a autarquia extinguiu quando os quis expulsar para ali construir uma «urbanização decente». No lado da frente, estendia-se um largo terreno baldio onde as crianças do bairro brincavam primeiro e mexiam depois nos pipis próprios e alheios, à descoberta, segundo a ordem natural do crescimento. Aí, à beira da estrada, numa barraca de ciganos, a paz doméstica acarretava que o cigano espancasse a cigana, que berrava enquanto atirava ao pai dos filhos quadrados da barra de sabão azul e branco

com que lhe lavava a roupa. As crianças gritavam todas ao mesmo tempo. O cigano zurrava. Os ciganos eram o espetáculo da janela da frente. Nessa altura era este o cenário. O plano diretor municipal não passava ainda de uma vaga ideia que só se viria a concretizar na década seguinte, mas não se vivia mal. Quando a autarquia os expulsou para ali construir a igreja, a escola e o jardim, o espetáculo diário terminou e estranhámos o silêncio. Para lá do baldio, que se estendia até ao Centro Sul, via-se o Cristo-Rei, de costas para nós, é certo, mas Cristo é uma beleza, mesmo de costas, bem como todo o casario branco de Almada, elevando-se.

Eu estava nos vintes, tinha acabado de ingressar na segunda licenciatura, estudava Filosofia e lia o *Orpheu*, Rimbaud, Duras, Lispector, tudo o que estivesse na onda, ou não, e fodia com o David. Na primeira licenciatura tinha conhecido Shakespeare, Shelley e Dylan Thomas e traduzira a *Eneida*, de Virgilio, com bastos acidentes morfossintáticos, apesar do auxílio da versão das edições Europa-América.

A selva da mamã transcendia a minha escassa tolerância estética. Considerava-a uma pessoa de prolixo mau gosto, antiquada e assaloiada. Tinha vergonha do tropicalismo e desdenhava a casa, destilando a minha raiva em sugestões desagradáveis sobre o seu aspeto, com secura e amargor. Não se podia negar que eu tinha nascido em Moçambique, que estava impregnada desses coloridos ares do sul, mas todos os meus amigos eram portugueses,

e entre nós não se falava de África, que tinha ficado para trás. Odiava os papás acabados de chegar de Moçambique. Desejava que morressem num acidente de automóvel espalhafatoso, com o *Renault 9* cor de café com leite clarinho, a caminho de qualquer localidade onde fossem visitar os outros retornados, com os quais auguravam o pior dos futuros para a África negra. Parecia-me tudo gente congelada no tempo e na ideologia, incapaz de se adaptar, esquecer, permanecer e avançar. Não via futuro para mim. Ser órfã tardia constituía a única salvação ao meu alcance. Se os papás desaparecessem, o meu caminho ficaria livre, como já estava mais ou menos, desde que tinha chegado em 1975. Livre para beber e chegar tarde, para fogosas tardes e noites de restolho clandestino, com quem me apetecesse, e apetecia, embora as condições físicas se apresentassem desfavoráveis.

O meu corpo continuava a manifestar tendência para alargar. Não era conforme. Os pneus na cintura não me permitiam blusas mais justas, nem a barriga saliente nem as mamas grandes e suspensas, que não se adequavam ao padrão e me envergonhavam, mas havia outros trunfos que me permitiam progredir: lindos olhos amarelos, lábios pulposos, atrevimento e palavra forte. E escrevia bem. Escrever bem não só me garantira o trabalho na Rádio Aventura, como se tornara uma contínua fonte de admiradores, uma torneira sempre a jorrar gente e oportunidades, exatamente o contrário da que abastecia de água, e só de água, pesada, os

pretos dos prédios das traseiras, território onde ninguém se aventurava, onde falavam as suas línguas, faziam as suas comidas, como se estivessem em África ou aproximado, mas nós não.

As minhas palavras duras, o meu desdém e repúdio da casa levaram a que a mamã fosse lentamente retirando as plantas da sala, até que um dia cheguei do emprego, anos depois, já nos 90, e ela as cortara todas, abdicando do seu grande orgulho decorativo. Ela queria que a casa me pertencesse, que a casa me agradasse, que eu estivesse na casa. Aprovei, arrogantemente. Respondi-lhe que já o devia ter feito há mais tempo. Não agradeci, sempre me julguei dona e senhora, sempre considerei que o mundo tinha de me prestar a devida vassalagem.

Para aí em 87 ou 88 os papás chegaram a ter um acidente com o *Renault 9*, contra uma grossa árvore na berma do caminho, num dia em que foram às Caldas visitar a avó Maria Josefa, que já não andava boa da cabeça e acumulava lixo e ratos em casa. O papá via mal.

Espatifaram o carro mas não morreram, apenas mudaram para um *Renault Chamade*, num lindo cinzento diplomático, que rapidamente amolguei, na Cova da Piedade, junto aos correios, batendo na frente de um veículo mal estacionado, com medo de chocar em eventuais carros que viessem pela direita. Respeitava as prioridades de forma cega. O dia em que tiveram o acidente foi bom porque chegaram muito tarde, e o David foi ficando.

Quando não fodíamos, líamos poemas um para o outro, em recitais privados. Não estudávamos puto de Filosofia Medieval. Ele não precisava. Tentávamos, para meu bem, mas a minha ignorância no assunto era medonha, e resultava rapidamente vencida pela sapiência do desejo. Quando tiveram o acidente considerei que tinham tido sorte. Se calhar nunca fui uma menina boazinha.

A mamã ensinou-me a viver na clausura. Explicava-me, «nunca temos amigos. As pessoas estão de passagem, por interesses diversos. Quando o interesse acaba, desaparecem. Um dia precisarás mesmo de alguém, e perceberás que afinal não há uma alma disponível para te ajudar. A amizade não passa disto».

«Mas no teu tempo não tinhas amigas?», perguntava-lhe.

«Tinha. A minha mãe. A nossa mãe é a nossa melhor amiga.»

Ficava a pensar nas suas palavras, descrendo da sua experiência, enquanto, entre outros afazeres, à tarde, ela me ensinava a fazer pontos na máquina de costura que herdara da avó, levara para Moçambique e trouxera de volta. Dizia-lhe, «comigo não é assim. Isso não é verdade. As pessoas não são todas como dizes».

«Vais ver, menina, vais ver.»

Contrariando a mamã, demasiado pessimista para o meu gosto, sempre procurei os outros obsessivamente. Sempre insisti e muitas vezes me impus. E também sempre coloquei a milhas quem bem me

apeteceu, quem não correspondeu às minhas altíssimas expectativas. Crua, objetiva e impiedosamente.

Há pessoas que aparecem na nossa vida por uma porta que se abre, inesperada, e rapidamente desaparecem, engolidas por um alçapão escuro, sem que tenhamos tempo de perceber ao que vieram. Há sempre um motivo qualquer, que muitos anos depois conseguimos descortinar. Vieram satisfazer o nosso desejo de admiração alheia ou de beleza e entretenimento. Vieram possibilitar que conhecêssemos alguém que também entrou e saiu, e foi importante, porque nos levou a um encontro especial, a um dia diferente, num lugar desconhecido, e nos proporcionou um passeio único, uma noite de beijos, riso e copos, ou uma amizade indestrutível, nesses minutos que a morte não consegue destruir. Ou alguém que ficou. Não há no mundo explicação para a entrada e saída de transeuntes e utentes pelas vidas uns dos outros.

Quando terminei o ensino secundário saí do colégio e vim estudar para Lisboa. Instalei-me na Cova da Piedade, em casa da tia Maria da Luz, que me tratava como uma filha que não teve. Mimava-me, fazia-me vestidos, alindava-me. Achava-me rechonchuda mas vistosa, «uma linda rapariga».

A minha amizade com a Tony não terminara com a saída do colégio. Visitava-me nas férias e em fins de semana que combinávamos por carta. Conversávamos muito, contando todas as novi-

dades, íamos ao cinema, passeávamos por lugares onde ela desejasse mostrar-se: a Feira Popular, o jardim do Campo Grande, a rua Garrett. A Tony andava um ano atrasada e permanecia ainda no colégio. E sem a escrava. Não lhe agradava a minha progressiva independência desde que viera para Lisboa. Insistia em que o ensino superior, os livros, a escrita e os novos amigos me tinham subido à cabeça. Começou a mostrar-se cada vez mais irritada e queixosa.

Num fim de semana que veio passar comigo a casa da tia perguntou-me se lhe passava o *body milk* pelo corpo.

Respondi «passa tu», brincando, sem má intenção. Fitou-me espantada e ofendida.

«Já te passaram as inclinações?!», atirou-me.

«As inclinações?!», ripostei.

«Sim. Pores-me a mãozinha nas mamas. Grandes mudanças! Nunca me enganaste!»

Calei-me. Saí do quarto. Fui beber um copo de água à cozinha enquanto a tia preparava o almoço; regressei, fechei a porta, observei-a pondo o creme nas pernas, arranjei coragem e finalmente respondi: «Olha, em questões de engano afinal somos duas. Karaté, judo, Fórmula 1, Fittipaldi, Bjorn Borg, motocrosse, surf, sangue especial, o diabo a sete... mas julgas que se consegue mentir tanto e durante tanto tempo sem que ninguém perceba?! Julgas que ao longo destes anos não soube sempre que mentias, que não és quem dizes ser nem tens aquilo com que apenas sonhas?»

Olhou-me sem perdão, levantou-se da cama e esbofeteou-me com a mão cheia de creme. Respondi da mesma forma, sem uma palavra, limpei a cara com o braço e refugiei-me de novo na cozinha, junto da tia, a quem ajudei a pôr a mesa do almoço, transida de desgosto, mas calando-o.

Era sábado e a Tony ficaria até domingo ao final da tarde, mas após a tensa refeição declarou que estava cheia de dores do período e sem os comprimidos e que ia andando. A tia tentou convencê-la a ficar, sem sucesso. Tínhamos *Optalidon* em casa e ela podia aproveitar mais um dia. Mas não.

Fui levar a Tony ao autocarro, no Centro Sul, despedimo-nos com frieza, e a partir desse dia deixou de responder às cartas que eu lhe escrevia, e não voltou a casa da tia.

Andei chorosa e pesada de culpa nas semanas seguintes, enquanto a tia estranhava o silêncio das amigas e fazia perguntas que ficavam sem resposta.

Lentamente fui-me envolvendo na nova vida de estudo e amizades na Grande Lisboa e os caminhos foram-se abrindo.

Entretanto os papás chegaram de Tete e mudei-me, a contragosto. Queria mudar-me para uma casa minha, sem papás, só eu e os meus sonhos.

Quando os Telefones de Lisboa e Porto enviaram carta avisando que se encontravam reunidas as condições materiais e burocráticas para a instalação do aparelho pedido na altura da compra do apar-

tamento, o papá negou-se. Era um gasto adicional, desnecessário. Falei com a mamã e entendemo-nos. Eu precisava muito de um telefone. Estávamos em 85, terminara a primeira licenciatura, já dava aulas e trabalhava na rádio, caramba, era fundamental! Não podia passar a vida a marcar reuniões e entrevistas na cabine frente ao supermercado do bairro. Portanto, embora negando-se o papá a abrir os cordões à bolsa, o telefone ficou em meu nome, e a mamã pagava a conta com o dinheiro que o papá ganhava. Ele estava assim, no seu entender, afastado deste negócio, e eu podia aceder à experiência da vida contemporânea.

O telefone foi importante para manter contacto com o João Mário, que conheci na Rádio Aventura, nos anos 90, no rescaldo do David. Ele deslocava-se ao estúdio semanalmente, para gravar as suas crónicas sobre viagens nos confins do planeta. Embora escrevesse textos aventurosos, cheios de novidade e perigo, não era propriamente querido pelas mulheres da redação. Vestia-se de *t-shirt* e calças de ganga gastas, pretas, sapatos de corda e brinquinho na orelha, com cabelo escuro e liso, ligeiramente luzidio, sacola de pano a tiracolo, jamais um casaco de fato. Não parecia suficientemente composto nem lavado às meninas do secretariado. Um homem pouco belo precisaria de acessórios distrativos para recolher mais atenções do sexo feminino. Eu recebia-o,

derretida. Falávamos sobre a vida, jornalismo e viagens. Era discreto, culto, atento, sem tiques nem arrogâncias. Pensei que seria homem para mim.

Sempre que o João Mário vinha ao estúdio poupava-me ao rímel e ao batom. O seu estilo mostrava-me que deveria gostar de mulheres sem vaidade, das que andam de ténis e se enchem de terra. Íamos almoçar a sítios baratos.

Pelas horas do meio-dia falava-me dos lugares por onde tinha viajado ou pretendia viajar, projetos a curto e médio prazo, enquanto eu me disfarçava de mulher-todo-o-terreno, e ia tentando perceber como me inserir naquele lato projeto. Creio que passei uma parte da vida fantasiando que me incluía numa ou noutra viagem, com protagonistas diferentes. Ora era o Sara ou a China. As minhas fantasias sentimentais eram acompanhadas de viagem.

Contara-me da sua vida apenas o essencial. Fixei que tinha uma paixão no Cazaquistão. Ou no Quirguistão. Ou no Japão. Uma mulher meiga, com lindos olhos castanhos, mas desvalorizei, porque o Cazaquistão, o Quirguistão e o Japão ficam muito para trás do sol-posto.

Tudo estava por decidir, eu tinha movido a primeira peça do tabuleiro, mostrar-me disponível, cabia-lhe a ele a seguinte, que deslocaria quando lhe aprouvesse, sendo que eu não deixaria de auxiliar o destino. Um empurrãozinho não se negava. Mas a partida estava para breve: o presumido Oriente

longínquo. O projeto era grandioso e entusiasmava-o, naturalmente, e a mim cabia-me conseguir uma forma de não perder o contacto. «Escreve-me para aqui», respondeu-me, e manuscreveu o endereço de Sines num rabisco de toalha de papel do restaurante, com uma *bic* preta, a maiúsculas mal desenhadas que me pareceram a mais bela das caligrafias.

«Quando vier a Portugal é aqui que paro, é o contacto mais seguro.»

«Quando regressas?», perguntei.

«Não sei, mas quando voltar.»

Ele voltaria. Toda a gente volta. Não me interessava se demoraria seis meses ou seis anos. E quando voltasse, na rua C, Núcleo 35-Frente, em Sines, encontraria tantas cartas quantas as semanas que estivera ausente. Seria a casa dos pais? Ao longo das nossas conversas parecera um homem humilde. Talvez fosse filho de pescadores. Nunca lhe perguntara nada sobre questões privadas. Ele nunca entrara em confidências e eu não abusava. Não se pode ir com muita sede ao pote. Nem com pouca. Uma pessoa nunca sabe como abordar o pote. É à sorte.

Receberia as cartas com surpresa e revelação. Perceberia num ápice que ninguém toma a decisão de escrever tão amiúde sem esperança de saber que será lido, e sem que exista um interesse suplementar pelo destinatário. Nesse instante compreenderia, e eu não precisaria de verbalizar palavras diretas ao assunto. Nesse momento incerto no

tempo ele saberia, por inferição. Faria assim o meu trabalho, esperaria, e o resto ficava nas mãos do destino. Não era impossível que se comovesse, que pensasse, «esta mulher gosta de mim, não reparei, e é doce». Acreditava que uma doçura tão transparente venceria o mundo. Quando confrontado com a minha alma verdadeira, que escondia por vergonha de sermos demasiado frágeis, a sua fascinar-se-ia.

Numa certa data partiu para o Oriente longínquo, sem saber dizer-me quando regressaria. Talvez quando o projeto terminasse, ou o dinheiro. Talvez.

O meu plano ficou delineado antes da sua partida, e no próprio dia em que nos despedimos, no aeroporto, escrevi-lhe a primeira carta para a morada que me deixou, o que realizei durante dois anos consecutivos, todas as semanas. Muitas vezes eram só crónicas e diários manuscritos, outras vezes pequenas encomendas com objetos que desejava oferecer-lhe: uma pedra, uma folha seca, um lápis, um livro, um recorte de jornal, uma foto, pétalas, uma revista, por vezes envelopes que eu construía e pintava ou nos quais fazia colagens, criações. Coisas de mulher enamorada, atenta e motivada. Ocupava com ele uma parte do meu tempo livre. Vinha do trabalho, sentava-me no sofá da sala com a televisão ligada como ruído de fundo, e quando o papá e a mamã se deitavam ficava a escrever-lhe os meus diários-cartas. Uma parte de mim gozava com o amor que punha nessa

correspondência cuidada, mas sem volta de correio. Imaginava que tudo parecesse estranho à família, se é que ela existia. Se o João Mário telefonasse do Oriente para a casa de Sines dir-lhe-iam que tinha por lá dezenas de objetos postais provenientes do mesmo remetente? «Tens uma admiradora!» Rir-se-iam? E qual seria a sua reação? Quanto tempo duraria o empolgamento pela mulher dos olhos castanhos, que mencionara existir? Os homens fartam-se depressa, dizem as mulheres mais velhas. Os homens são inconstantes, permanentemente insatisfeitos. Nunca confiar neles. Nunca acreditar e muito menos esperar, alimentar ilusões. Tudo bem, mas eu precisava de esquecer o David. A vida tinha de continuar.

Nunca me passou pela cabeça que alguém ousasse abrir uma carta. Nem sei se o terão feito. Eram ações cuja baixeza escapava à minha cogitação. Mas que o fizessem?! Nada no meu discurso ultrapassava os limites da saudável amizade. Eram apenas cartas, relatos, ideias e situações que pretendemos partilhar, gratuitamente. Imaginava-o chegando a Sines, sentando-se sobre a cama, num quarto humilde, rodeado pelos sobrescritos e cartas que lhe fora enviando, lendo-as e pegando no telefone para me anunciar «cheguei e tenho saudades tuas». Que tola! Não me ocorreu que não soubesse o que fazer a tanto discurso, que pudesse optar por não o ler, metê-lo num saco velho e atirá-lo ao lixo, pensando, «ele há cada uma». Na minha ima-

ginação era tudo uma questão de tempo, e isso eu tinha. Escrita e paciência. Ia deitar-me e dormia, esperando pelo dia seguinte de trabalho intenso, que adormece a vida, que não deixa senti-la, que não contém sentido nem missão, mas escravidão ordenadora do tempo.

Os dias de limbo sucederam-se sem pensamento até surgir na minha vida o Leonel, que me via lendo no café Colina, e numa fria tarde de domingo, com pouca gente, se aproximou, dizendo também gostar de ler. Informou-me que tinha ido ver o *Querelle* ao Quarteto, num ciclo de cinema. O que achava eu do filme?

«Qual *Querelle*, o do Fassbinder?!», perguntei duvidosa.

Esse.

«Ah, certo!», exclamei. Parei de ler e escutei-o.

Falava sobre arte com paixão, inteligência e ousadia. Era só um rapaz de génio, mais nada na vida, sobretudo ainda nada na vida, embora todos sejamos uma promessa. Mas tinha mais. Havia nele o turbilhão da entrega pura que nada espera. Havia a dádiva que existe apenas porque eu e tu somos uma só coisa, e basta.

Alto, bonito, alourado, parecido com o James Dean, demasiado jovem para mim, via-se, nem era necessário perguntar-lhe a idade. Um dia deu-me um beijo no ombro, à saída do café, sem motivo nem explicação, vindo do nada. Eu não

sabia o que fazer-lhe, mas de novo me comoveu a pureza da coisa autêntica e selvagem a nascer, e entreguei-me ao luxo de me deixar seduzir e fascinar, e fiquei sem tempo para escrever cartas.

Não sei se o João Mário voltou a Portugal, se leu todas as folhas que lhe manuscrevi com letra miúda e perfeita, no melhor papel, com a caneta mais fina, se chegou a ter nas mãos as pétalas que para ele recolhi, se as guardou ou atirou ao lixo, se alguma vez se voltou a lembrar da gorda simpática da Rádio Aventura ou se morreu na fronteira entre o Iraque e a Síria. Nunca recebi uma palavra do João Mário, mas sei que para mim nada acontece em vão. Tê-lo amado sozinha, imaginando-me com ele entre aventuras e beijos, nos confins do mundo, embalou os meus sonhos de amor, entreteve e aliviou o meu quotidiano, manteve-me alerta e esperançosa e deu-me tempo para curar as feridas antes de me lançar em novos voos.

Quando falo em mulheres da minha família quero dizer a mamã e eu. Passaram quase 20 anos desde que os papás chegaram de África. O papá morreu após sucessivos acidentes vasculares cerebrais. Não suportava viver amarrado. Foi melhor assim.

A maior parte das tralhas continua no sótão, incluindo as suas malas de ferramentas cheias de ferrugem. Passou o tempo do João Mário e, mais atrás ainda, da Tony e do senhor diretor. A tia Maria da Luz morreu de cancro no útero. À nossa

volta toda a gente vai morrendo de cancros disseminados pelo corpo, por todo o lado, doença que não se compreende como se expandiu tanto nem porquê.

Já é noite e eu e a mamã estamos sentadas no sofá de veludo creme da sala, lado a lado. A selva espalhada pelas paredes foi substituída por flores de plástico. Não há forma de eu e a mamã estarmos de acordo. Penso que não é a minha casa, que aí nunca existirão outras flores que não as naturais, e nunca filodendro. Eu e a mamã não temos os mesmos gostos. Não somos da mesma fibra. Separam-nos tempo, educação, mundo. Que mulher tão desconforme de mim!

Colocou um *bouquet* de flores sintéticas na mesa onde antes estavam os *caladium,* e um colossal arranjo de flores brancas e bege, de papel e tecido, num jarrão de faiança de Alcobaça, por cima da arca de madeira exótica com elefantes em relevo. O arranjo colossal não era assustador, porque fui eu que o escolhi numa loja de decoração, no centro comercial. Do mal o menos. Se não o escolhesse, o pior poderia suceder. Foi a minha máxima cedência ao artificial.

O jarrão pintado à mão tinha uma fantasia de lírios amarelos e verdes sobrevoados por abelhas, e provinha do *boom* de produção cerâmica no início dos anos 80. Ladeando o jarrão, duas pacaças em pau-preto, uma delas com um chifre partido, e atrás, encostado à parede, um elefante da mesma madeira, uma girafa manca e uma zebra, ambas

em pau-rosa, compradas em Tete ou no Malawi com o fito de trazer para a ex-Metrópole os despojos da África perdida. O esplendor da fauna na savana, com os ruídos da erva que estala sob o calor que tudo queima. Não sei se a mamã viu ao vivo algum dos animais que tinha em madeira, na sala. Em Lourenço Marques não existiam na nossa casa tantos artefactos africanos. O que aconteceu à mamã entre Lourenço Marques e Tete? Quantos anos esteve a mamã em África? A mamã deve ser por dentro o entre-lugar que a sua sala mostra, julgo. Há um imenso fosso de desconhecimento que nos separa. Faltam-nos dez anos de informação, os dez que estivemos separadas. Como nos construímos separadamente nessa ausência? Que pessoas nos tornámos?

Nesta noite de 14 de dezembro de 2004, noite pós tudo, cheguei tarde, tremendo e desfigurada. Não conseguia falar. Desejava atirar-me para o chão e gritar «salvem-me». Era angústia e desespero misturados. Eu era uma mulher equilibrada. Eu achava que era, que até ali tinha conseguido manter-me em pé, sempre, apesar de tudo e de todos, mas neste momento eu era o fantasma de mim.

Ao final da tarde saí da escola, encontrei-me com o David dentro do seu *Toyota*, frente ao café de azulejos manhosos, na Caparica, onde, nesse ano, passámos a encontrar-nos para recordar o amor

passado, e leu-me a sentença. Confessara à mulher o nosso entusiasmo passional. Tinham conversado e chegado a um compromisso para o futuro. Não podia ceder à minha proposta de irmos viver juntos, e, finalmente, concretizarmos um amor que se arrastava desde a faculdade. Não se sentia apaixonado por ela, embora tivesse chegado a existir sedução, depois afeição e hábito. Era boa mulher e boa mãe. Tinha sido sua companheira até ali e tudo correra sem grandes altos e baixos até ao meu reaparecimento. Eu tinha-me transformado agora numa indesejada pedra na engrenagem, que o obrigava a repensar a sua vida e o casamento, num momento em que o relacionamento esfriara, após o nascimento da filha mais nova, do espaçamento do sexo e das dificuldades financeiras decorrentes da economia hipotecária. Eu tinha chegado acidentalmente numa altura da sua vida em que era possível questionar uma relação na qual tinha entrado por necessidade de normalização e adesão à vida dos crescidos. Tinha sido o aluno exemplar, o filho imaculado. Tudo fizera certinho para compensar o esforço formativo do pai que, a caminho da oficina, lhe desvendava os segredos da vida operária, dura e lastimosa. Eu surgira na sua juventude como uma centelha de bom sexo fácil. Mas era passado. Agora, impossível. Não se podia voltar atrás. Estava feito.

«Não temos hipótese nesta vida, Luísa, e não temos outra. Gosto da minha mulher. Falei-lhe. Falámos toda a noite. Chorámos os dois. Con-

tigo não dá. Não sou capaz. Segue a tua vida. Não consigo imaginar que não irei adormecer a minha mais nova à noite e que não a terei de novo nos braços de manhã, quando acorda, atordoada de sono, mesmo que haja raios de luz que entram na sala e, quando incidem na mesa, me lembram a tua pele, e precise de ler as tuas cartas escondido na garagem, e me lembre do teu rosto, quando me estou a barbear e me veja ao espelho, e imagine as tuas mãos e sinta o cheiro do teu sexo, mesmo considerando a mágoa causada ao somatório de galáxias que formam este universo, sobretudo a mim e a ti, não podemos. Guarda na memória que sempre pensarei em ti, que não és uma mulher que se possa esquecer, mas não é possível para nós. É preciso saber abdicar. Temos de abdicar. A vida é isto. Agora vou.»

Tinha-me transferido do meu carro para o seu com a esperança de um «vamos juntar vidas», e de lá saí com a sentença da morte. Regressei ao meu sem saber como prosseguir. Permaneci sentada. Tremia, mas tinha de reagir. Não conseguia mover-me, mas não podia ficar parada na Costa, dentro do carro, no gélido início de noite. Pensei, «tens de ter forças para avançar, ninguém chama os bombeiros porque sofreu um desgosto de amor». Tive ainda tino para telefonar à mamã e dizer-lhe, «não sou capaz de ir agora. Espera. Sim, está tudo bem. Depois explico». Meti a chave na ignição, rodei-a e arranquei, conduzindo em piloto automático. Chorava e as lágrimas não me deixavam

ver a estrada. Queria morrer, mas não era verdade. Já tinha querido morrer antes, mas sabia que tudo isso passava, que era possível existir no Inferno. As mulheres da minha família não se entregavam à morte. Era apenas um desgosto e passaria como passam todos. Parei na berma do IC20 sem saber para onde ir. Não podia regressar a casa naquele estado. A mamã não podia ver-me desfigurada e tolhida. Não conseguia disfarçar o choro, e eu não chorava à frente da mamã. Desviei para o Monte da Caparica e estacionei algures numa rua com prédios dos dois lados. Precisava só de parar. O corpo doía-me. Não conseguia pensar, e chiava como um cão magoado. Chorava e gemia. Pensei: «Hospital Júlio de Matos, e se fosse?» Hesitei. «O que me vão fazer?» Imaginei-me a dar entrada na urgência sem uma explicação racional que se pudesse apresentar. «O homem que amo, o único homem que amei, rejeitou-me pela segunda vez, para sempre.» Que ridículo! Mas a mulher que eu era haveria de dar entrada numa urgência hospitalar, alegando sofrimento porque o amor lhe havia sido negado?! As pessoas apresentavam-se com dores dessas publicamente?! Imaginei-os a rirem-se na minha cara: «Minha senhora, vá para casa; quem é que não sofreu um desgosto de amor?!» Imaginei-os comentando uns com uns outros, «Doutor Sequeira, está ali uma senhora a sofrer por amor, vá lá dar-lhe uma injeção ou pô-la a soro», e no meio da loucura soltei uma gargalhada. Rir-me era bom sinal. Ainda não estava

louca, embora me sentisse enlouquecer. Júlio de Matos não, estava decidido. Baixei o mais possível a cadeira do *Opel Corsa* e permaneci estacionada na rua que atravessava o Monte da Caparica, não me perguntem qual, chorando e gemendo dentro do carro, na noite fria, enquanto os transeuntes de quase Natal circulavam como conseguiam, de vez em quando olhando e vendo-me dentro, tolhida como uma heroinómana ressacando.

Revi mentalmente a teoria do David, as suas palavras antes de me mandar à vida. «Juntamo--nos porque há a simpatia inicial, depois o enamoramento, mas também para que olhem por nós, nos tragam um chá ou um cobertor. Sabe bem haver quem se preocupe connosco, nos toque no braço, nos cabelos e nas mãos. Juntamo-nos porque é o que se faz há milhares de anos e o que se espera que façamos. Juntamo-nos para que as vidas se justifiquem e legitimem, ao assemelharem-se a todas as outras. É assim que se faz. Juntamo-nos e ficamos nivelados e amparados. Juntamo-nos porque acreditamos amar-nos. Temos filhos. Entramos para esse exército, que é também um corpo diplomático. Habituamo-nos. Não estamos presos, mas de quem é este livro, e aquele jarrão? De quem é esta casa, este filho? Os gestos habituais que conhecemos de cor ao acordarmos de manhã, fazemo-los porque estamos juntos ou porque nos pertencem? O que é meu e o que é teu? Seria bom estar só, uns tempos, sem filhos, sem contas para pagar e sem obrigações;

isso seria vida, mas urgente, agora, é chegar ao verão. Liquidar os atrasados com o subsídio de férias. Comprar roupas para as miúdas. Substituir o frigorífico que não congela há mais de dois meses. Descansar por 15 dias. Amamos aquele com o qual estamos juntos? Estamos juntos, não estamos? Chega de pormenores. Que interessa o resto? Que interessa quem amei mais? A minha mãe casou para se amparar, o tio Alberto amou toda a vida a cunhada e nem no leito de morte lho revelou, e a minha tia Inês negou-se ao rapaz por quem se apaixonou por estar prometida ao tio Alberto. Todos cumpriram as suas obrigações. Não terem acordado ao lado do objeto amado, não terem iniciado os gestos ou as palavras do amor não amputou a paixão. Amaram na presença e na ausência. É assim que se faz. O amor não anda ao nosso lado, o amor anda à solta nos peitos, como um pássaro engaiolado. Adormece-nos. Desperta-nos. Faz-nos sair e voltar a casa. Chorar. Rir. E se isto não é viver, o que é a vida?»

Revi palavras, gestos, olhares, chorei sem interrupção, até à hipnose dos sentidos, até adormecer e despertar e ser capaz de pronunciar uma única palavra, ideia, essência: David, David! Mais nada. Era meia-noite quando me recompus o suficiente para conduzir até casa.

A mamã recebeu-me à porta. Estava aflitíssima. Tinha pressentido que eu estava mal. Telefonara mil vezes e eu não atendera o telemóvel.

«O que é feito de ti, menina? O que é isso? O que tens tu?»

Sentei-me no sofá de veludo, frente à estante de pau-rosa onde se encontrava a televisão, a *Lexicoteca*, a *História de Portugal* da Alfa, alguns livros de arte da minha coleção, as fotos do meu pai, do meu tio, minhas de quando era pequena, os cinzeiros, passarinhos, esculturas de animais e cenas tribais, tudo em pau-preto, naturalmente, os jarrões de louça com flores de plástico, e na confusão emocional ouço a minha voz de outro dia dizer à mamã, «flores de plástico não são flores, é plástico». E ouço-a responder-me, «mas dão alegria à casa, menina». Sento-me com ela ao lado, fazendo perguntas. E choro. Era tarde, sim. E chovia. Uma noite pesada e fria. Mal iluminada. A luz do candeeiro no teto parecia tão fraca que se perdia pelos cantos da sala, exígua, sem calor nem conforto, embora todas as lâmpadas estivessem acesas. Nessa ausência de luz precisava de lhe dizer a verdade pela primeira vez. Despejar o saco da frieza e do ressentimento. Eu era uma miséria de mulher, um torpor, uma dor que já nem dói. Um farrapo de lã que já não aquece. Já não pretendia esconder-me do que tinha sido e fingir uma perfeição que não me assentava. Quebrara-me de novo em fragmentos, como se quebra o vidro e as pessoas. E de cada vez que me quebrava não era possível voltar ao que tinha sido antes. E era assim há muito tempo. Não sabia se as mulheres da minha família alguma vez tinham sentido o mesmo que eu, se eram assim

imperfeitas, e não queria saber. As palavras saíram-me de jato. Acusei-a de me ter transformado numa mulher sem ninguém, numa desamada sem regresso. Ela nunca gostara do David. Era sua a culpa de nos termos afastado, de nunca ter corrido bem. Tinham sido as suas preces e magias a separar-nos. Culpava-a da minha solidão e isolamento. Contei-lhe tudo o que antes escondera sobre o David. Tudo o que nunca dissera. Tudo desde o início. «Este é o homem de quem gosto, de quem gostei. O único homem e mais nenhum, entendes?!»

«Era um garoto…», balbuciou.

«Agora é um homem!», gritei.

E que me entendesse bem, porque até ela tinha saído das berças para viajar até Moçambique ao encontro de um desconhecido que a amou. Até ela, emergindo das berças fundas, tinha sido amada, e eu não. Eu nunca.

«Nunca te interessou o que eu sentisse, apenas o teu bem-estar e o do pai. Só vocês. Sempre vocês. Nunca quiseste que fosse como as outras. Sempre estiveste contra o meu amor por ele. Sempre boicotaste nas minhas costas. E de certeza que rezaste contra nós e pediste a Nossa Senhora e ao diabo dos teus santos todos, aposto, que nos separássemos. E passei a existir para vos amparar na velhice, vos passear e atender, como se não tivesse direito à minha vida. Destruíste o meu único amor.»

E ela falou. Aflita. Constrangida. Pela primeira vez vi a mamã na mamã, também ela liberta nesse momento. Dorida, não comigo, mas por mim.

«Não é verdade, menina. Eu e o teu pai sempre quisemos que fosses feliz, que fizesses a tua vida com alguém de quem gostasses. Não é verdade, menina. Sempre quis o melhor para ti. A vida não é como nós queremos. Há quem não tenha sorte no amor. E o amor não te quis até agora, mas quem sabe?! Não estava escrito que o David havia de ser teu, caso contrário teria sido. És muito nova. Vais conhecer muitos amores, ainda. Não fui eu, nem o teu pai, acredita em mim. Vai descansar. Toma um comprimido e vai-te deitar. Faço-te um chá. Anda.»

Foi mansa comigo. Fez-me uma festa na cabeça, na cara, atingida pela minha dor.

«Vai deitar-te, menina. Amanhã hás de estar melhor. A que horas tens de ir trabalhar?»

«Tarde.»

«Então vai dormir.»

Droguei-me o mais que pude, e no dia seguinte fui trabalhar como se chegasse de um outro mundo. Acabei de corrigir os testes, pedi ajuda para lançar notas e sobrevivi às reuniões, presente mas ausente. Entrevi o David ao longe, numa reunião noutra sala. Ele viu-me e desviou o olhar. Seguiu-se o Natal e o Ano Novo. O David manteve a sua intenção.

Não havia nada a fazer, não havia volta, mas o David saberia doravante, mais ainda do que antes, que era meu, que arrastaria consigo os nossos restos vivos, impalpáveis. Mesmo na sua mudez e silêncio eu seria o que em si era incognoscível, o escuro e o claro, os seus trapos e papéis, o carro do hipermercado que empurrava, enquanto se empurrava

para fora de mim, esfolando os joelhos e a pele das mãos, que eram meus sem tempo. Ele sabia que todos os ventos, a rotação dos planetas conhecidos, a luz das estrelas e o vácuo dos buracos negros, que chega ao outro lado, o trariam para mim mesmo que nunca o tivesse comigo. Até ao fim. «És meu. Se houvesse outro caminho para ti, juro, deixava-te ir. Não tenho culpa que o teu umbigo, e o meu, em conluio, se tenham atado. Não tenho.» Pensava na insónia. E bem.

Conforme foi envelhecendo, a mamã perdeu força e vontade para cuidar das suas plantas. Paulatinamente deixou de conseguir andar pela casa e fazia com esforço o trajeto quarto, casa de banho, cozinha, depois quarto, casa de banho, depois quarto até à cadeira-sanita.

Nos últimos anos da sua vida lembro-me de a ver sentada no sofá do quarto. A mamã e o sofá transformaram-se, para o fim, num móvel único, devido à osteoporose e às artroses múltiplas.

Nada resta do filodendro nem do *caladium*. Não os suporto. O tronco desapareceu. Ficou a erva-da-fortuna, única planta que guardei e espalhei pelas floreiras da rua. É um belo espécime vegetal. Em memória da mamã transformei a varanda da sala numa pequena Amazónia, lugar onde nunca estive.